

OLADJO HERMIONNE ELODIE FADE

**AS MULHERES AFRICANAS NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE
NARRATIVA DE VIDA E SOLIDÃO**

VIÇOSA
OUTUBRO 2021

OLADJO HERMIONNE ELODIE FADE

**AS MULHERES AFRICANAS NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE
EXEPRIÊNCIA, NARRATIVA DE VIDA E SOLIDÃO.**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio

VIÇOSA
OUTUBRO 2021

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Monografia *As mulheres africanas no Brasil: reflexões sobre experiência, narrativa de vida e solidão*, de autoria da estudante Oladjo Hermionne Elodie Fade, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes avaliadores:

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Jornalista Lídia Oliveira

Prof. Dr Rennan Lanna Martins Mafra– UFV

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha experiência como migrante no Brasil, especialmente em Viçosa. Uma cidade acolhedora onde fiz as melhores amizades da minha vida. Foram anos de realizações positivas, de aprendizagem, de alegria, de muitas emoções fortes que sempre acabavam em lágrimas quando a saudade de casa batia.

Cinco (05) anos de vivência rica em experiência, em procedimento na busca de um ensino superior que levo como uma lição em minha orientação na vida social e acadêmica. Por ser uma oportunidade que nunca pensei que teria um dia na minha formação acadêmica, minha vida social, os meus agradecimentos vão a Deus, por todas as bênçãos concedidas e por ter me dado forças para chegar até aqui; ao programa PEC-G do governo brasileiro, a aqueles que me incentivaram a não desistir, aqueles que mais do que me ajudaram e seguem me ajudando de longe ou perto, que sempre estão do meu lado.

Posso dizer que nos últimos seis (06) meses, vivi uma explosão de sentimento por estar concluindo minha graduação. Minha sincera gratidão à minha família que acreditou em mim, me incentivou na procura da sabedoria. De forma jamais menos especial, agradeço aos meus pais Benjamin Fade e Denise Akpaki que não mediram nenhum tipo de esforço para que eu fosse hoje uma comunicóloga, uma mulher de bem, morasse no Brasil devido ao custo de vida. Vocês são meus exemplos de nobreza. Também aos meus irmãos Ange Fade, Gloria e Anita Fade que sempre estão do meu lado, me apoiando, amo muito Vocês.

À Universidade Federal de Viçosa (UFV), pelas oportunidades dadas aos estudantes africanos.

À minha orientadora Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier, a quem agradeço pelo apoio, as lições, conselhos e contribuições para a minha formação pessoal, acadêmica e profissional, à orientação excelente, a paciência dela que me ajudou a não desistir.

Aos meus professores do Departamento de Comunicação Social, a vocês um “obrigada” especial por se fazerem sempre presentes e me darem continuamente força para prosseguir. Aos meus colegas de turma (COM17) e os amigos da UFV, pela convivência e amizade. Aos técnicos-administrativos do Departamento de Comunicação da UFV, pelo carinho, simpatia e atenção.

A astrid Elena Pérez López, minha colombiana preferida, a primeira amiga que tive no Brasil.

A Breno Longhi e Simone Dantas Longhi, o casal que me ajudou todas as vezes que mais precisei.

À dona das flores de Viçosa, Sandra Araújo, a quem agradeço pela amizade, pelo acolhimento e por ser uma mãe. Não cheguei a agradecer pessoalmente como deveria, mas, aqui deixo meus sinceros agradecimentos.

Aos meus amigos Estelle Dimon, Merrel F Ahlin Ayosso, Henri J Olatoundji Oussou, Olivia G A Avone Nguema, Medard Dalavares, Jocelyne Olou, Lauréat Koffi, Lícea Martins, que me ajudaram quando mais precisei.

Aos meus amigos da Associação dos Estudantes Africanos em Viçosa (AEAV), Inácio João Diegrino António Barbosa, Elias Frederico Lopes, Leopold Sedar Domingos, Roydivickson Ywnas Siga, Claudino Cofite, Edney Ricardo, Edson Guambe.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo promover reflexões sobre a experiência de mulheres africanas no Brasil, sobretudo à luz das temáticas do racismo e da solidão. Para tanto, realizamos entrevistas com quatro mulheres africanas, cujas idades variaram entre 20 e 23 anos, e que também realizam a migração com finalidade acadêmica. A partir dos conceitos de experiência e narrativas de vida, por nós considerados em uma perspectiva de interesse aos estudos comunicacionais, consideramos que os relatos foram reveladores de atravessamentos e questões sociais que dizem mais do que acontecimentos individuais, mas também problemas de ordem estrutural, tais como racismo, objetificação dos corpos das mulheres negras e solidão.

Palavras-chave: mulheres negras; mulheres africanas; experiência; migração; solidão.

ABSTRACT

This work aims to promote reflections on the experience of African women in Brazil, especially in light of the themes of racism and loneliness. Therefore, we conducted interviews with four African women, whose ages ranged between 20 and 23 years, and who also carry out migration for academic purposes. From the concepts of experience and life narratives, considered by us from a perspective of interest to communicational studies, we believe that the reports were revealing of crossing and social issues that say more than individual events, but also structural problems, such as racism, objectification of black women's bodies, and loneliness.

Keywords: Black women; African women; experience; migration; loneliness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: O CONTINENTE AFRICANO E OS PROCESSOS MIGRATÓRIOS E DIÁSPÓRICOS	12
1.1 Considerações iniciais sobre o continente africano.....	12
1.2 Diáspora e Migração	13
CAPÍTULO 2: REFLEXÕES SOBRE NARRATIVA DE VIDA, EXPERIÊNCIA, SOLIDÃO E RACISMO.....	17
2-1 Narrativa de vida	17
2-2 Conceito da experiência	18
2.3 Solidão	19
2.4 Racismo	20
CAPÍTULO 3 – A EXPERIÊNCIA DE SER MULHER NEGRA E AFRICANA NO BRASIL: REFELXÕES SOBRE SOLIDÃO E RACISMO	24
QUADRO 1: APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTADAS	24
3.1 Expectativas em relação ao Brasil	25
QUADRO 2: EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO BRASIL	27
QUADRO 3: PONTOS POSITIVOS E PONTOS NEGATIVOS DA MIGRAÇÃO..	30
3.2 Ser mulher, negra e africana no Brasil: um triplo preconceito	30
QUADRO 4: MULHER NEGRA E AFRICANA NO BRASIL	31
3.4 Experiências afetivas	34
QUADRO 6: EXPERIÊNCIAS AFETIVAS EM RELAÇÃO A AFRICANOS, BRASILEIROS E OUTRAS NACIONALIDADES	35
3.5 A experiência da solidão	36
QUADRO 7: DEFINIÇÃO DE SOLIDÃO	36
QUADRO 8: VIVÊNCIA DE SOLIDÃO	37

CONSIDERAÇÕES FINAIS 39

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 41

INTRODUÇÃO

A busca de melhores condições e oportunidades de vida são fatores que contribuem bastante ao fluxo migratório no mundo. Embora a migração internacional não seja um fenômeno novo, as mulheres costumam ser negligenciadas na pesquisa sobre migração (BOYDE GRIECO, 2003; MOROKVASIC, 2008). No livro *Les africaines*, do historiador Coquery Vidrovitch (1994), está expresso que quase nada foi escrito sobre as migrações femininas. No entanto, a migração de mulheres não é recente, pois desde o final dos anos 1990, relatórios da Divisão de População das Nações Unidas indicam uma presença das mulheres em movimentos de população estrangeira por meio século (United Nações 2002). As Nações

Unidas estimam que a proporção de mulheres entre todos migrantes internacionais já somava quase 47% para alcançar 49% cerca de quarenta anos depois (ZLOTNIK, 2003).

Sendo mulher africana estudando no Brasil, a maior motivação deste trabalho vem pela própria experiência vivida durante os meus cinco anos de graduação. Dentro desse período, fiz várias amizades com outras africanas de diversos países e pudemos compartilhar e encontrar semelhanças em nossas realidades.

Nas últimas décadas, a existência do programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), é um acordo entre o governo Brasileiro e governos de países em desenvolvimentos que possibilitou o aumento de uma migração temporária para jovens africanos, com finalidade de formação acadêmica dos contemplados. O PEC-G oferece aos estudantes desses países com os quais o Brasil mantém acordo educacional, cultural ou científico-tecnológico a oportunidade de realizar seus estudos de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras.

O programa é administrado pelo Ministério das Relações Exteriores, por meio da Divisão de Temas Educacionais, e pelo Ministério da Educação, em parceria com Instituições de Ensino Superior em todo o país. A ideia da criação de um Programa de Governo para amparar estudantes de outros países adveio do incremento do número de estrangeiros no Brasil, na década de 1960. Havia necessidade de unificar as condições do intercâmbio estudantil e de garantir tratamento semelhante aos estudantes por parte das universidades. O PEC-G foi criado em 1967 com intercâmbio de estudantes da América Latina. O fluxo dos estudantes africanos para o Brasil iniciou nos anos 1977. Este convenio envolve 45 países participantes de diferentes continentes. Destes, 20 são do continente africano. Entre 2000 e 2012, dos 6981 estudantes selecionados, 5479 são dos oriundos do continente africano (CABRAL, 2012).

A presença dos africanos nas universidades brasileiras é um cenário de migração temporária para fins de estudo tendo em vista que muitos desses estudantes são de origem de países com ensino superior bem precário e vem através de acordos educacionais entre o Brasil e aqueles países. Os jovens estudantes africanos chegam ao Brasil determinados a cursar carreiras profissionalizantes nas instituições de ensino superior desse país.

No contexto internacional, diversos pesquisadores têm se dedicado a investigar e compreender os fatores que afetam a adaptação de alunos estrangeiros ao contexto universitário, e têm escrito sobre o tema apontando potenciais dificuldades. Essas pesquisas demonstram que muitos estudantes podem experimentar choque cultural, dificuldade de adaptação, racismo, preconceitos, rejeição, confusão sobre expectativas de seu papel no novo país, e ainda a discriminação (Constantine, Anderson, Berkel, Caldwell, & Utsey, 2005; Constantine,

Kindaichi e cols., 2005; Wang & Mallinckrodt, 2006; Wei e cols., 2007 apud De Andrade e Teixeira, 2009).

O aluno africano se confronta com um processo que tem várias transições, começando com sua chegada no Brasil e terminando com o seu retorno ao país de origem. O estudante precisa aprender uma grande variedade de papéis culturalmente definidos e não familiares num curto período de tempo, sob considerável estresse (Gunter & Gunter, 1986). Além disto, enfrenta uma série de dificuldades e desafios como providenciar um local para morar, lidar com o idioma, se adaptar ao clima, alimentação, valores sociais, e ajustar-se à cultura do país. Ainda, precisa se adequar às demandas acadêmicas e se adaptar ao modelo educacional brasileiro, enfrentar a discriminação percebida, a saudade de casa, e elaborar um projeto pessoal e profissional coerente com suas expectativas e oportunidades.

Nesta pesquisa, procuramos conhecer um pouco desta realidade, por meio da investigação de relatos de vida de mulheres africanas que estavam ou estiveram inseridas nesta migração temporária. A partir do conceito de experiência, por nós considerado em uma perspectiva de interesse aos estudos comunicacionais, consideramos que os relatos serão reveladores de atravessamentos e questões sociais que dizem mais do que acontecimentos individuais, mas também problemas de ordem estrutural, tais como racismo, objetificação dos corpos das mulheres negras e solidão. Assim, nosso objetivo geral é discutir temáticas que atravessam a experiência de mulheres africanas no Brasil.

Esta monografia está organizada em três capítulos principais, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, propomo-nos a apresentar considerações sobre o continente africano e sobre o processo de migração; no segundo capítulo, discorreremos sobre os conceitos teóricos que balizam este trabalho; por fim, no capítulo de análise, apresentamos o resultado de nossas entrevistas e reflexões.

CAPÍTULO 1 – O CONTINENTE AFRICANO E OS PROCESSOS MIGRATÓRIOS E DIÁSPÓRICOS

1.3 Considerações iniciais sobre o continente africano

A África é o terceiro continente mais extenso depois da Ásia e da América com cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados. Separado da Europa pelo Mar Mediterrâneo, está ligado a Ásia em sua extremidade nordeste. É o segundo continente mais populoso da Terra, atrás da Ásia com cerca de um bilhão de pessoas estimadas, representando cerca de um sétimo da população mundial e 54 países independentes. Desses países, 31 tem como língua oficial o Francês, 19 a língua inglesa e 04 apresentam o português como idioma oficial. Foram identificados mais de dois mil idiomas, além do inglês, o francês e o árabe, que dividem a África em três grandes áreas linguísticas: a inglesa, a francesa e também a árabe. Com 54 países, a diversidade linguística africana impressiona. Segundo a Revista Digital de Políticas Linguísticas (2020), os linguistas identificaram cerca de 2000 línguas modernas no continente (cerca de um terço das línguas do mundo), excluindo as línguas de origem não africana, números correspondente a nada menos que 30% dos idiomas em todo o planeta. Além das duas mil línguas, estão presentes mais oito mil dialetos. O continente apresenta grande diversidade étnica, cultural e política.

A cultura da África reflete a sua antiga história e é tão diversificada como foi o seu ambiente natural ao longo dos milênios. A África é o território terrestre habitado há muito tempo, e supõe-se que foi neste continente que a espécie tenha surgido. Por tal razão, ela é considerada como o berço da humanidade. Os mais antigos fósseis de homínídeos encontrados na África têm cerca de cinco milhões de anos. O Egito foi provavelmente o primeiro Estado a construir-se no continente há cerca de 5000 anos, mas muitos outros reinos ou cidades-estados foram surgindo neste continente.

Para além disso, a África foi, desde a antiguidade, procurada por povos de outros continentes que buscavam as suas riquezas. Suas características geográficas são diversas e variam de tropical úmido ou floresta tropical, com chuvas de 250 a 380 centímetros a desertos. O monte Kilimanjaro (5895 metros de altitude) permanece coberto de neve durante todo o ano enquanto a Saara é o maior e mais quente deserto da Terra. A África possui uma vegetação diversa, variando de savana, arbustos de deserto e uma variedade de vegetação crescente nas montanhas bem como nas florestas tropicais e tropófilas.

Como a natureza, a África possui um ambiente cultural cheio de contrastes e costuma ser regionalizada de duas formas. A primeira valoriza a localização dos países e os divide em cinco grupos: África setentrional, África Ocidental, África Central, África Oriental e África meridional. A segunda regionalização usa critérios étnicos e culturais, como a religião e etnias predominantes em cada região, sendo dividida em dois grandes grupos, a África branca ou setentrional formada pelos oito países da África do Norte, mais a Mauritânia e o Saara Ocidental, e a África Negra ou subsaariana, formada pelos outros 44 países do continente. As pessoas do continente possuem diferenças marcantes sob qualquer comparação: falam um vasto número de diferentes línguas, praticam diferentes religiões, vivem em uma variedade de tipos de habitações e se envolvem em um amplo leque de atividades econômicas.

A África é considerada o continente menos desenvolvido e menos avançado do planeta, com economias e Estados frágeis e instáveis. (SILVA, 2010). A situação econômica do continente leva muitos africanos a migrar para países desenvolvidos, onde há mais oportunidades.

1.1 Diáspora e Migração

A diáspora é um fenômeno social compreendido como a saída de uma pessoa do lugar de origem para ir em outro lugar. Pensar a diáspora é pensar sobre as condições nas quais se encontram os sujeitos que são levados a trocar sua terra natal por outros lugares. Segundo Hall (2013), a falta de oportunidades e a busca por novas experiências são os fatores que podem forçar as pessoas a migrar. A diáspora Africana começou historicamente na época onde os africanos eram forçados para deixar seus países, resultando na dispersão pelo mundo dos africanos e seus descendentes como consequência da escravidão e outros fenômenos migratórios.

A particularidade das diásporas é que são migrações forçadas. Eles se originam de contextos históricos de deslocamento. Os fluxos migratórios dos africanos começaram historicamente nos processos ancestrais. Sempre existiram no continente africano um deslocamento de populações de uma região para a outra por várias razões. A mobilidade dos africanos no interior do continente é vista como:

Uma maneira de escapar da pobreza, da morte por desnutrição. Para alguns autores, o movimento migratório no continente africano apresenta uma especificidade motivada por conflitos étnicos e, sobretudo políticos e, estes

são fatores que tornam difícil a análise da migração internacional na África e, sobretudo, ao sul da Saara (CASTLES e MILLER, 2004, p.172).

As migrações são movimentos de pessoas, ou seja, deslocamentos, que podem ocorrer dentro do próprio país, as quais se denominam migrações internas, ou de um país para o outro, que são chamadas migrações internacionais, as quais enfatizamos este projeto de trabalho. O processo de migração é um deslocamento físico de pessoas de um lugar a outro.

A diáspora se refere a uma população que compartilha uma herança comum que está espalhada em diferentes partes do mundo. Por outro lado, migração se refere a pessoas que se deslocam para diferentes áreas em busca de melhores condições. A principal diferença entre a diáspora e a migração é que na diáspora o povo mantém um laço muito forte com a terra natal, as raízes e a origem ao contrário da migração.

Contudo, a diferença entre migrantes e diásporas nem sempre é clara. Por exemplo, no Senegal, se os ministérios não falam de migrantes, às vezes falam de diásporas, mas geralmente falam “senegalês de fora”. Sem saber realmente se incluem a segunda ou a terceira geração na definição ou se é sempre necessário ter a nacionalidade senegalesa etc. Isso tem consequências importantes porque, se você for reconhecido como senegalês morando no exterior, pode se beneficiar de vantagens fiscais para investir em projetos.

Para Martins (1984), a migração desata os laços sociais e familiares. O autor considera a noção de cultura de ausência, como uma ausência de consciência do migrante. Esta ausência no sentido de que para aqueles que ficam, a figura da pessoa se torna ausente, sendo uma constante espera o retorno do familiar.

No entanto, o migrante que volta é outro, modificado pelo local de destino. Nesse processo de migração tem uma troca de valores, o que faz com que o migrante não seja o mesmo ao retornar. O migrante durante sua experiência, aprenda a outras línguas, comidas, seu comportamento muda no caso se sua experiência teve influência sobre seu passado. Assim, quando voltam para seu país, não é o mesmo. Alguns conseguem não se deixar influenciar pelo novo lar. Este é o caso dos muçulmanos quando migram para o Brasil. Outros, pelos olhares da sociedade brasileira, deixam de usar seu véu, outros usam.

Assim, é possível dizer que a migração interfere nas identidades culturais do migrante. A perda do apego ao lugar de origem tem efeitos significativos nas identidades culturais dos migrantes. O apego ao lugar é uma realidade que se define pelo nível de conexão com as pessoas e os ambientes em que vivem, um ambiente que pode ser definido como um conjunto de símbolos e produtos das diferentes culturas que os valorizam. Os cidadãos da sociedade de

acolhimento também podem, em alguns casos, prejudicar a preservação das identidades culturais dos migrantes.

Cumprindo ainda dizer que, para os habitantes nacionais, os migrantes nem sempre são bem-vindos, não só porque não fazem parte deles, mas também porque vem da África. Essa reação contra estrangeiros aumenta a vulnerabilidade dos migrantes e favorece a retirada de sua identidade. A reação da sociedade de acolhimento também leva a aculturação dos migrantes, e, portanto, a perda de sua identidade cultural, para que se sintam mais aceitos na sociedade onde estão migrando.

Por ser cada vez mais frequente, o fluxo migratório africano está ganhando notoriedade nas pesquisas sociais, por se tratar de um fenômeno complexo e passível de múltiplas análises. Conforme Mungoi (2006), este movimento teve início há muitos anos antes do processo de descolonização que começou bem no final dos anos 50. Ela tem um papel importante de formar as elites intelectuais africanas que não teve oportunidades no seu continente, bem como na carreira de intelectuais que lutam nos processos de descolonização. Este tipo de migração é considerado como uma migração temporária, uma vez que há um tempo previamente estipulado de permanência no país de destino (DESIDÉRO, 2006; GUSMÃO, 2012).

Contudo, a migração de mulheres africanas continua sendo um campo insuficientemente e pouco explorado tanto na sociedade quanto na mídia. Embora a migração internacional não seja um fenômeno novo, as mulheres há muito tempo são negligenciadas na pesquisa sobre migração (BOYDE GRIECO, 2003; MOROKVASIC, 2008).

A migração feminina não foi vista como significativa porque se acreditou por muito tempo que as mulheres contribuíssem pouco para a força de trabalho. Os modelos econômicos que sustentam nossos pensamentos sobre a migração não levam em consideração o papel das mulheres. Nestes modelos, um lugar é reservado para mulheres, elas são consideradas migrantes passivos, cujo destino permanece ligado às migrações ativas dos homens. Para muitas mulheres na África, a migração é uma forma de aumentar o acesso a informação, finanças, educação e ofertas de emprego. Muitas mulheres migram para serem economicamente independentes e para se libertar de pressões sociais e expectativas de gênero. Em algumas partes da África, as mulheres são feitas para ficar na cozinha, cuidar das crianças. A migração também oferece oportunidades de escapar das estruturas sociais patriarcais e melhorar sua autonomia e status.

Apesar de assumir um novo caráter, a migração com motivação educacional e intelectual continua sendo um investimento fundamental na trajetória de muitas famílias africanas. Pela ligação e história da África e o Brasil e dos traços culturais compartilhados, muitos jovens escolhem o país para seus estudos. Esta migração temporária dos jovens para estudar no Brasil

traz muitas questões sobre a experiência vivida. Os jovens voltam para sua terra com uma bagagem de novos conhecimentos e sobretudo, a maturidade. A presença dos africanos nas universidades brasileiras mostra um cenário diferenciado de migração temporária para fins de estudo, tendo em vista que muitos desses estudantes são oriundos de países cujo sistema de ensino superior é precário e vem através de acordos educacionais bilaterais entre o Brasil e aqueles países (DESIDÉRIO, 2006; GUSMÃO, 2009; NHAGA, 2013).

A mobilidade estudantil para estudantes africanos no Brasil se baseia em programas de mobilidade e em convênios de cooperação acadêmica nas áreas de educação, cultura. Muitos são bolsistas do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) do governo brasileiro efetivado através de acordos bilaterais e regras específicas de seleção e ordenamento do estar em terra estrangeira. Alguns estudantes vêm por conta própria. Em cada um desses contextos, é fato que tais estudantes enfrentam diversas dificuldades. Sobre duas dessas dificuldades específicas, falaremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 – REFLEXÕES SOBRE NARRATIVA DE VIDA, EXPERIÊNCIA, SOLIDÃO E RACISMO

Neste trabalho, realizamos entrevistas com quatro mulheres africanas que migraram para o Brasil com finalidade estudantil. Essas entrevistas foram analisadas (no terceiro capítulo) de modo a nos permitir compreender a experiência concreta da migração e a analisar as temáticas da solidão e do racismo. Para subsidiar as análises do capítulo posterior, discorreremos neste capítulo sobre alguns conceitos fundamentais de nossa problematização.

2-1 Narrativa de vida

A atividade de narrar sempre se fez presente no cotidiano das pessoas. A narrativa é praticada por muita gente: pais, filhos, professores, amigos, avós... Enfim, todos contam, escrevem ou ouvem, lêem toda espécie de narrativa: histórias de fadas, casos, piadas, mentiras, romance, contos, novelas. (GANCHO, 2002). É comum ouvirmos narrativas o tempo todo, por meio dos relatos contados por parentes, amigos, conhecidos. Ainda segundo a autora, “modernamente, poderíamos citar um número de narrativas: novela de TV, filme de cinema, peça de teatro, notícia de jornal, gibi, desenho animado... Muitas são as possibilidades de narrar, oralmente ou por escrito, em prosa ou em verso, usando imagens ou não” (GANCHO, 2002, p.5). Essa definição é complementada por Procópio:

As narrativas são compreendidas como uma organização discursiva específica, resultado de uma atividade humana que tem por objetivo contar ações e servir para a exposição de acontecimentos, sejam eles reais ou imaginários. Podem ser apresentadas por códigos semiológicos variados – língua, imagem, gestos, símbolos, etc. – estejam eles isolados ou em conjunto. Ainda, manifestam-se sob os mais variados gêneros, tais como romance, mito, lenda, fábula, conto, novela, crônica, drama, piada, história em quadrinhos, *fait divers*, reportagem, cinema, pintura, diários, biografias, jogos, etc. (PROCÓPIO, 2016, p.299)

Narrar uma vida significa relatar os episódios, os acontecimentos, ordenar as experiências de si ou de outrem. A narrativa de vida se aproxima da autobiografia, já que há um eu que se conta, mas, diferentemente desta (e também da biografia), não abarca a totalidade da vida de um sujeito, focalizando, antes, um episódio qualquer de sua experiência de vida (BERTAUX, 2010). Procópio (2016, p.307) acrescenta que “essas narrativas de exploração da subjetividade têm em comum a busca do autoconhecimento, o voltar-se para si mesmo, o mergulho no Eu, a análise das experiências vividas por um sujeito”.

No caso deste trabalho, tomaremos como objeto as narrativas de vida produzidas pelas mulheres africanas na situação de entrevista sobre suas experiências enquanto estudantes africanas no contexto brasileiro. O sociólogo Daniel Bertaux (1997) considera que há uma narrativa de vida a partir do momento em que um sujeito conta a alguém qualquer parte ou episódio da sua experiência vivida.

2-2 Conceito da experiência

A experiência é um processo social marcado pela relação entre sujeito e ambiente, seja por aspectos mecânicos, seja por aspectos estéticos. As experiências são diferentes e são o que fazem a gente conferir sentido a algo. É a partir da experiência que evidenciamos táticas, estratégias, valores, conflitos, modos de ser, de pensar e de se relacionar com as pessoas. Sentir na pele um acontecimento.

John Dewey, um filósofo e pedagogo norte-americano escreveu extensivamente sobre a experiência:

Dewey tenta romper com o dualismo entre empirismo e racionalismo, e rebate este conceito de experiência, que se refere ao conhecimento acumulado ao longo do tempo. A experiência não se limita ao ato no presente, mas também remonta ao que foi aprendido no passado e se reporta ao futuro para se aprimorar a inteligência quando existe algum problema. O ser humano sofre a experiência e reage ao mesmo tempo. É um ser vivo que está em seu ambiente, sente a repercussão, reage com a lógica e busca conseguir os meios para se

adaptar. O ponto central para Dewey não é o sujeito nem o objeto, nem a natureza ou o espírito, mas as relações entre eles: a experiência significa integração. (SANTOS, 2013, p.5).

A experiência, conforme perspectiva de Dewey, é um aspecto estético na relação entre o sujeito e o ambiente. Na nossa experiência individual ou social, confrontamo-nos com acontecimentos de natureza diferente. A noção de experiência num sentido bem amplo, pretende nos instigar a olhar para o mundo a partir do próprio mundo. Há, em toda uma experiência, um elemento de padecimento, de sofrimento, em sentido amplo. Edward Thompson (1981), complementa que a experiência é um conjunto de práticas que dão significado à existência de um determinado sujeito.

A morte de um parente ou de um amigo próximo é um acontecimento que afeta uma família ou uma rede de amigos. O acontecimento entra, portanto, na experiência, não somente como fato, mas ainda como termo de uma transação. Os acontecimentos importantes são, em grande parte, inesperados. Quando se produzem, não estão conectados aos que os procederam nem aos elementos do contexto: são descontínuos relativamente a uns e a outros e excedem as possibilidades previamente calculadas; rompem a seriação da conduta ou a do correr das coisas.

2.3 Solidão

A solidão constitui um problema social cada vez mais prevalente. Ela é um sentimento no qual uma pessoa sente uma profunda sensação de vazio e isolamento. De acordo com o sociólogo Norbert Elias (2001), o processo de individualização se intensifica nas sociedades desenvolvidas modernas e faz com que as pessoas permaneçam cada vez mais isoladas umas das outras, inclusive desenvolvendo sentimentos como a solidão.

Para o autor, este sentimento ganha sentido na medida em que é compartilhado e pode apresentar significados específicos para cada grupo. No geral, Elias (2001) identifica que a solidão pode estar relacionada a três eixos: (i) impedimento de experiências amorosas, que pode se materializar em desilusões ou amor mal correspondido; (ii) ausência de pessoas de um mesmo lugar ou da mesma posição social para desenvolver uma convivência coletiva; (iii) a vivência, por alguma razão, em condição solitária, com ausência de significados, o que pode acontecer inclusive na presença física de outros, mas sem significado afetivo.

No caso do migrante, estar longe de casa, é uma forma de potencialmente desenvolver a vida solitária e o sentimento de solidão. Para vencer a solidão, os migrantes tentam buscar por

grupos de afinidade e identidade, que poderia funcionar como uma comunidade de identificação e afeto. No caso de Viçosa, por exemplo, os estudantes formaram uma associação (associação dos Estudantes Africanos) com o objetivo de se juntar, de formar uma família e de lutar juntos por questões coletivas. Este vínculo entre africanos significa que eles se reconhecem como parceiros, irmãos ou parentes mesmo sem ter relações de consanguinidade. Sempre são organizadas as festas, comemorações, aniversário, confraternização para que eles não se sintam solitários. As festas africanas, que acontecem em Viçosa pelo menos uma vez por mês, são momentos para esquecer os estresses da semana, matar saudades da terra através das comidas, músicas, danças. As festas são realizadas nas repúblicas onde eles moram ou, às vezes, em lugares alugados.

Estes eventos constituem momentos privilegiados de negociação identitárias entre africanos, de compartilhamentos dos acontecimentos recentes, de interações. Este momento é muito importante para os estudantes porque, longe de casa, eles podem se sentir livres para se relacionar com pessoas independentemente do seu país, etnia, raça, idade e orientação sexual. Às vezes, tem a presença dos amigos brasileiros que gostam da mistura de cultura, que querem aprender mais sobre esses estudantes. São momentos de encontro para além de discriminações, em meio as músicas e performances das danças e expressões afetivo-sexuais.

Este tipo de eventos se assemelham àqueles que Turner (1974) aponta como “momentos liminares”, pois ocorrem sociabilidades interétnicas e interraciais entre africanos e africanas de diferentes países e etnias e, particularmente, entre africanos e brasileiras. As confraternizações são momentos e espaços de subversão às normas, nas quais, os africanos e brasileiros confraternizam dançando sem os controles sociais e sem os olhares discriminatórios da comunidade. De acordo com Turner (1974), a liminaridade resulta uma subversão a uma ordem estrutural, ocorrendo em momentos nos quais os indivíduos libertam sua criatividade.

2.4 Racismo

O racismo surgiu na Europa, aproximadamente no século XV na época da escravidão quando os países europeus dominavam as terras até então desconhecidas, passando a incutir um pensamento dominante etnocêntrico, legitimado por supostas verdades científicas sobre as populações descobertas (MUNANGA, 1999). A ciência do século XIX esculpiu os contornos delimitadores do perfil dos africanos e dos afrodescendentes, escravizados e marginalizados do sistema de bem-estar social. Essa ciência editou conceitos e preconceitos que procuram justificar a escravidão o etnocídio e a exclusão social (XAVIER, 2002, p. 109).

Silvio de Almeida (2018) recorre à categoria de discriminação racial que se refere aos diferentes modos de tratamentos de pessoas pertencentes a grupos raciais específicos. A prática da discriminação racial é fundamentada nas relações de poder que determinados grupos detêm, usufruindo das vantagens que a categoria racial oferece. O racismo é efetivado através da discriminação racial estruturada, constituindo-se como um processo pelo qual as circunstâncias de privilégios se difundem entre os grupos raciais e se manifestam pelos espaços econômicos, políticos e institucionais. O autor faz uma distinção entre o racismo, a discriminação e o preconceito. Algumas pessoas entendem esses termos como sinônimos. Silvio de Almeida (2018) apresenta o preconceito como a construção sobre determinada pessoa ou grupo por fatores históricos. A discriminação por sua vez é o tratamento diferenciado dado em razão de raça. Por fim, o racismo é uma forma de discriminação que tem a raça como fundamento. Ele se manifesta conscientemente ou inconscientemente a depender ao grupo racial ao qual pertençam.

O racismo é definido pelo Silvio de Almeida (2018), a partir de três concepções que são a individualista, a institucional e a estrutural. A individualista entende que o racismo decorre de preconceito; a institucional prevê que o racismo se relaciona desvantagens a um grupo devido à raça e por meio do poder da dominação; e a estrutural que faz com que a responsabilização individual e institucional por atos racistas não extirpe a reprodução da desigualdade racial. Hoje em dia, o racismo institucional está presente em todos lugares quando os negros não são tratados da mesma forma que os brancos. Nos hospitais, por exemplo, o tratamento não é igual.

Os estudantes africanos sofrem o racismo. Por ser africano de cor de pele escura, os estudantes costumam ser forma indiferente. O distanciamento e o estranhamento causam uma situação de não reconhecimento. Os danos causados pelo racismo, que marcam as relações existentes nas universidades públicas e privadas em que estudam os africanos no Brasil, já foi observado por Souza (2014), Vargem e Malomalo (2015). Quanto ao racismo sofrido pelos/as estudantes africanos/as, isso tem a ver, do nosso ponto de vista, com a ausência de uma política institucional de trato com as questões de gêneros e étnico-raciais num país em que o patriarcalismo, a homofobia e o racismo, além de acompanhar as relações cotidianas, fazem parte das instituições sociais (MOORE, 2010; SOUZA, 2014).

A partir do momento que se entende o racismo como estrutural podemos também identificá-lo como fator que contribui para a solidão das mulheres negras. Dispor de seus corpos e força de trabalho, mas não enxergá-las com humanidade. Designar a elas a figura da doméstica ou da gostosa ferindo a humanidade dessas mulheres. As mulheres negras são hipersexualidades

desde o período colonial, propaga-se a imagem de que são lascivas fáceis e naturalmente sensuais, servindo para justificar abusos de diversas ordens.

A nosso ver, este cenário evidencia o racismo somado ao machismo que está presente também no mercado de trabalho, que apresenta disparidade salariais entre homens e mulheres e para as negras maior ainda. Além de que os padrões de beleza sempre aparecem como requisitos para julgar, questionar ou relativizar a competência profissional, sobretudo das mulheres. Se são consideradas feias, tem de se esforçar mais, se são consideradas bonitas não precisarão se reforçar tanto.

Ribeiro (2018) no livro *Quem tem medo do feminismo negro*, aponta que apenas se relacionar com negras não apaga o racismo, se a relação se dá quando a pessoa só procura pessoas negras para relações casuais. Se o racismo tem um papel preponderante na construção dos padrões de beleza, conseqüentemente também terá na construção do desejo. Djamila Ribeiro (2018) recorre a Claudete Alves que discute o racismo como fenômeno que abarca de menção afetiva e sexual da mulher negra que fica à margem das escolhas masculinas.

Essa constatação também é apresentada por Cláudia Lemos Pacheco (2008) com sua tese de doutorado *Branca para casar Mulata para f..., negra para trabalhar escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador*. As mulheres negras ficaram relegadas ao papel de servir, seja na cozinha seja na cama. A autora cita também o afeto por conveniência que ocorre, por exemplo, com a trabalhadora doméstica, na expressão “ela é como se fosse da família.”, traduzido em horas de trabalho não remuneradas, exercício de tarefas a alheias aos seus cargos e transferência de sentimento e convívio com os filhos de outrem e ausência de acompanhamento de seus próprios filhos.

É nesse contexto social a mulher negra africana se encontra: longe da sua terra, língua afeto social, família, referências, identidade ética e até mesmo da pronuncia com acento corriqueiro de seu nome. Marcada por representações pejorativas e por estímulo a hiperssexualização ou à objetificação de seus corpos.

A solidão da mulher negra contém uma análise apurada das atitudes sociais, vai muito além do preterimento sofrido por parte do sexo oposto. As escolhas afetivas se ampliaram para a falta de representatividade, proporcionalidade, alcança as redes de amizades e dita os espaços que essas mulheres devem ocupar. No Brasil, suas raízes estão na construção histórica do país, na qual o período da escravidão colocou o negro no lugar de sub-humanidade sem levar em conta seus sentimentos e identidade cultural.

Sobre a mulher negra incide a opressão de gênero e de raça. As mulheres africanas experimentam o racismo ao pisar em solo brasileiro, e como Djamila Ribeiro (2019, n.p 12) em

seu *Manual Antirracista* cita a pesquisadora Joice Berth: “Não se descobrem negras, são acusadas de sê-las”. E assim passam por um processo de reaprender ser negras, de serem enxergadas como as outras, (negras e estrangeiras). O racismo internalizado e o privilégio branco passam a impô-las o peso de pensar seu lugar social e as põe a refletir sua posição em uma sociedade a qual o negro é visto como escravo, e não escravizado. E que ainda, aceitou essa imposição sem resistência. Nesse contexto, as mulheres negras acabam por se descobrir sozinhas.

CAPÍTULO 3 – A EXPERIÊNCIA DE SER MULHER NEGRA E AFRICANA NO BRASIL: REFELXÕES SOBRE SOLIDÃO E RACISMO

Este trabalho tem por objetivo promover reflexões sobre a experiência de mulheres africanas no Brasil, sobretudo à luz das temáticas do racismo e da solidão. Para tanto, realizamos entrevistas com quatro mulheres africanas, cujas idades variaram entre 20 e 23 anos. Elas relataram ter permanecido no Brasil entre um (01) e quatro (04) anos. Proveniente de três países diferentes da África Negra, todas as entrevistadas deixaram suas casas para se inserirem em ambiente universitário. Tal fato deve ser levado em consideração nessa análise, pois espera-se que o meio universitário seja formado por pessoas com maior acesso ao conhecimento e, por conseguinte, entendemos que tais mulheres tematizariam suas experiências também a partir de sua bagagem intelectual e de área de estudos.

QUADRO 1: APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

Entrevistadas	Origem	Idade atual	Período no Brasil	Destino	Motivo da Migração
I	Cabo Verde	23	4 anos	Fortaleza	Estudar
II	Gabão	20	1 ano e três meses	João Pessoa	Estudar
III	Cabo Verde	23	4 anos e seis meses	Fortaleza	Estudar
IV	Benin	24	4 anos	João Pessoa Teresina Balneário Camboriú	Estudar

Fonte: Elaboração da própria autora.

A técnica de entrevista desenvolvida neste trabalho é caracterizada como entrevista em profundidade. De acordo com Duarte (2009, p. 60 apud Carvalho et al, 2015, p. 4), tais entrevistas possibilitam “recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. As entrevistas foram realizadas no período de abril e maio 2021 pelo aplicativo *Google Meet* em razão dos protocolos de distanciamento necessários para a segurança da pesquisadora e das entrevistadas no contexto da pandemia do coronavírus.

Em média, as entrevistas tiveram mais o menos 10 minutos tempo de duração. As entrevistas foram conduzidas de modo semiestruturado, a partir de um roteiro de perguntas

(anexo) com as quais procurávamos tematizar os principais assuntos que gostaríamos de ouvi-las. Importante salientar que as entrevistadas puderam abordar outros temas que julgaram pertinentes e também puderam não responder perguntas que considerassem inadequadas. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para auxiliar o nosso processo de interpretação.

Gostaríamos de destacar que as entrevistadas residem ou residiram na região nordeste do Brasil, por tempo superior a um ano. A macrorregião, coincidentemente abriga em seu território a maior população que se declara como negra do país (IBGE,2010). Além disso, dados da Polícia Federal do Ceará do ano 2011, mostram cerca de 1260 estudantes africanos no estado, dos quais mil cursavam diversas faculdades particulares, cento e trinta estavam integrados na UFC e vinte na Universidade Estadual do Ceará (UECE), sendo a maioria proveniente dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) (BRÁS, 2011).

Para fins de organização da nossa análise, iremos apresentá-las a partir de eixos temáticos, nos quais apresentaremos também quadros com falas representativas das experiências e impressões de cada uma delas.

3.1 Expectativas em relação ao Brasil

As entrevistadas são estudantes em condições de migração, a princípio temporária, tomam o Brasil como destino por meio de acordos bilaterais de políticas estudantis. O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) é divulgado em seus países de origem por intermédio de instituições governamentais instaladas nesses territórios. As embaixadas brasileiras e subsidiárias desses órgãos como os centros culturais difundem esse convênio nas escolas e demais entidades educacionais.

O programa oferece a estudantes dos países em desenvolvimento que possuem acordos educacionais e culturais com o Brasil oportunidades de cursar graduação em solo brasileiro. O público alvo são alunos entre 18 e 23 com ensino médio completo. As vagas são oferecidas em escolas públicas, portanto o ensino é gratuito, mas alguns requisitos são impostos: os bolsistas dever ter capacidade de custear suas despesas no Brasil e ter proficiência na língua portuguesa. (Portal do MEC)

Tais exigência funcionam como fato selecionador, pois nem todas as famílias conseguem comprovar a capacidade de patrocínio de seus filhos em outro país. E nem todos os docentes conseguem alcançar a proficiência, embora as universidades receptoras ofereçam um curso de seis meses de português em solo brasileiro para a prova de competência na língua.

Em contrapartida ao curso gratuito de sua graduação, os imigrantes se comprometem a retornar ao seu país e contribuir com a área na qual se graduou. Contudo as necessidades criadas por uma ordem social e econômica globalizada empresta aos processos migratórios estudantis uma face ainda pouco conhecida e pouco refletida na academia, no cotidiano e na política que envolve trocas científicas, sociais e políticas entre países e nações e que ordena processos de recomposição de elites e de redistribuição do poder. (GUSMÃO, 2012).

O Embaixador Fernando José Marroni de Abreu (2018), subsecretário-Geral da África e do Oriente Médio (SGAO), faz a seguinte apresentação da relação África/ Brasil no livro *Histórias da África e relações com o Brasil*:

”África tem despontado cada vez mais como um dos continentes preferenciais para clássicos e novos atores de nossa sociedade engajados na projeção internacional do Brasil. Esse fenômeno é consequência direta taxas de crescimento impressionantes no período da bonança dos gêneros de base...Passados os primeiros tempos pós-coloniais, quando as jovens nações africanas davam os seus passos em direção da afirmação de sua soberania em meio a de maioria rural, agora temos uma África de maior complexidade.”

(Embaixador Fernando José Marroni de Abreu, 2018.n.p)

É necessário compreender a relação entres esses indivíduos e grupos familiares com a identidade coletiva e nacional brasileira. O papel das redes de comunicação é estabelecido no Brasil e no país de origem, bem como seus significados e alcances sociais e políticos. A divulgação externa do país é realizada por meio da Diplomacia Pública coordenada pelo Itamaty, mas também pela Diplomacia Midiática por meio de suas promoções e pelas empresas privadas e expressões culturais que atravessam fronteiras.

A mídia de massa alcança o continente africano por meio de suas novelas, músicas e telejornais populares. São praias e paisagens naturais, metrópoles singulares e a amabilidade do povo passam uma imagem encantadora dos habitantes do país. São representações de riquezas generalizada, violências disseminadas, alegria e liberdade exacerbadas que levam a expectativas não pautadas na realidade para quem tem Brasil como destino. Embora essa percepção possa ser potencialmente modificada pela mídia digital por ser mais independente; a mídia tem pouco espaço para a verdade, “pois depende das verbas publicitárias, que são manipuladas pelas grandes indústrias e conglomerados financeiros” (ALEXANDRE, 2001)

Os depoimentos colhidos trouxeram expectativas e realidades diversas pautadas nessa base de informação e encontradas no processo de socialização dessas estudantes em relação ao país de destino.

QUADRO 2: EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO BRASIL

Entrevistada	Expectativa	Realidade
I	Menos desigualdade social, mais “Mente aberta”	Diferente. Esperava um país sem preconceito, sem racismo devido a história do Brasil.
II	Sem expectativas (se reservou deixar claras as suas expectativas) Sem expectativas (se reservou deixar claras as suas expectativas). A entrevistada já tinha uma noção do Brasil pelos amigos dela.	Chegou para estudar mas fazendo as aulas remotas não ajuda. A Covid-19 modificou minha realidade.
III	Criada pelas telenovelas filmadas nas cidades do RJ de SP. Maravilhoso, acolhedor e organizado. Muitas novelas brasileiras passam no meu país. As imagens dão a vontade de conhecer o Brasil.	País instável politicamente e extremamente desigual e preconceituoso
IV	Oportunidade para crescer. Estudando e trabalhando igual nas novelas. Os jovens estudam de dia e de noite trabalham. Povo acolhedor e prestativo, maioria gente boa, acha legal conhecer estrangeiros.	Nordeste: Insegurança nas ruas. Foi assaltada em pleno dia em 2019. Nas cidades do Sul que visitou, a polícia roda no dia inteiro. Acredita que o Sul tem mais segurança

Fonte: Elaboração da própria autora.

Foi possível observar que a visão prematura da entrevistada I, de um país mais liberal, livre de certos preconceitos não se confirma. Ela diz ter encontrado uma realidade diferente da propagada em seu país um Brasil de liberal, possuidor de uma democracia racial, social e política tangente. Assim como grande desigualdade social, a entrevistadas encontrou no país um multipartidarismo político defensor de diversas correntes, mas se colocando em grupos opostos de direita e esquerda. Observou também exemplos de violência urbana diferentes dos países de origem, mas menos disseminadas do que apresentavam os jornais brasileiros vinculados em seu país.

A entrevistada II, residente no país desde o início de 2020, embora como as outras mulheres tenham vindo ao país com o objetivo de se graduar, se reservou a não revelar suas expectativas. No entanto menciona que o acontecimento da crise sanitária modificou a realidade que ela havia de encontrar. Mais recentemente o isolamento social que modificou a realidade mundial, atingiu também as reuniões sociais e eventos culturais tão propagados no universo da música e das novelas brasileiras. Certamente a pandemia instaurada mudou a rotina de todos e influenciará nas percepções recentes das entrevistadas. Muitas estão sendo as estratégias criadas para se adaptar ao “novo normal”, é um período de transição e adaptação de realidade mesmo para quem conscientemente afirma não ter criado expectativas.

A entrevistada III dedica a pressuposição diferente da realidade à exportação audiovisual, que por meio de suas telenovelas, influencia na percepção de um país mais rico. No entanto tais produções não transmite a realidade nacional nem para a grande maioria dos brasileiros. E ainda mais, escondem a instabilidade causada pela polarização política, a extrema desigualdade social e o racismo estrutural existente na sociedade.

Em artigo que aborda o poder brando de Joseph Nye, e de indústria cultural, de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, Jade Lopes, (2016), trata do consumo de telenovelas brasileiras na África lusófona, a qual pertence Cabo Verde. Nesse estudo a autora aponta para um consumo significativo de novelas brasileiras nesses países, a ponto de promover uma influência cultural perceptível. E que, embora não haja estatística recentes sobre o consumo das telenovelas, a narrativa brasileira pode ser notada em entrevistas pessoais como as realizadas na presente análise.

Durante seu trabalho Lopes (2016) cita, Chirley Mendes (2012) que, em sua dissertação, relaciona consumo de telenovela entre a população da África lusófona e a criação de um imaginário em torno do Brasil e o comércio internacional informal que surge entre o Brasil e esses países. Segundo a autora, é comum a adaptação das narrativas de acordo com o país de destino da exportação da telenovela.

As telenovelas, juntamente com os telejornais, costumam ser o principal meio de se informar sobre a realidade brasileira antes de se mudarem para o Brasil. Segundo Mendes (2012), as expectativas dos estudantes e de seus familiares sobre sua experiência no Brasil também evidenciam a falta de representação de outras faces do Brasil na televisão brasileira. As realidades fora de Rio e São Paulo e da média e alta classes não fazem parte do imaginário construído sobre o Brasil, causando estranheza cidades brasileiras não litorânea, ou com estilos musicais diferentes do samba. “O espanto com a desigualdade e a pobreza também são recorrente” (MENDES, 2012a, p. 141)

As oportunidades econômicas ganham espaço na fala da IV entrevistada, que deduziu que o Brasil poderia oferecer oportunidade de crescimento. Provinda de país pujante de maior infraestrutura e postos de trabalho e ensino qualificados, enxergou na estrutura das universidades do PEC-G uma alavanca para aprendizagem e aplicação de conhecimento em seu país.

(LIMA E FEITOSA, 2017), afirmam que os clichês “país de oportunidades”, “bom para viver”, “o país do futuro” associados à imagem do Brasil, são adotados em seus discursos como reprodução da linguagem reproduzida no contexto em que estavam inseridos por estarem convivendo cotidianamente com esses discursos. O investimento no intercâmbio assume papel fundamental na melhoria de vida da sociedade africana, que enviam seus cidadãos na esperança de adquirir ferramentas para diversas soluções individuais e coletivas confiantes no desenvolvimento prometidos pelo programa.

A entrevistada IV sem confirmar fatos específicos, teve percepção da diferença de segurança entre regiões sul e nordeste do país, a primeira. Confirmando a pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2011) sobre a variação de percepção de segurança entre as regiões brasileira. O Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS)¹ mostra que as regiões Nordeste e Norte apresentam os menores índices. Estas são também as regiões onde há mais homicídios dolosos por milhão de habitantes. As regiões onde foram constatados os maiores índices de sensação de segurança foram a Sul e a Centro-Oeste. Em contraponto, ela enxerga no país sua hospitalidade e valorização da cultura estrangeira apregoada pela divulgação internacional do país.

Cabe aqui dizer que a percepção limitada dos africanos em relação ao Brasil é semelhante a que os brasileiros têm da África. Um recibo mínimo, reduzido a fome, a miséria, ao HIV, aos safaris e ao sofrimento informados passadas pelos meios de consumo. Essa

¹ https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21826&catid=4&Itemid=2

restrição chega ao ponto de acreditar que África é um único país, ignorando as várias culturas presente mesmo dentro de suas 54 demarcações políticas.

Embora Brasil e África tenham afinidade culturais e similiaridades de geografia, a troca de informações entre as nações se dão, como já apresentado, pela mídia em massa e pela escravidão retratada nos livros de história, respectivamente. O Continente Africano é descrito a como um lugar não civilizado, cujos moradores, em geral, apresentam-se como seres selvagens e pobres. E o Brasil por meio de sua mídia se mostra como, branco, rico e extremamente amável. São dois povos que estão em franco processo de reconhecimento e conhecimento do outro.

Kabengele Munanga (2016) argumenta, em palestra publicada no livro *História da África, Relações com o Brasil*, a cultura negra no Brasil não era parte integrante do sistema educacional, sempre eurocêntrico, até a promulgação das Leis 10.639 e 11.644, que tornaram obrigatório o ensino da história e da cultura negra no Brasil e dos povos indígenas na educação básica. Em esforço contrário o Brasil procura exportar mais que suas expressões culturais a África, abrindo espaço em seu mercado econômico.

A oportunidade oferecida de ser admitidas nas instituições brasileiras, traz consigo a diversas possibilidades de desenvolvimento por meio dos estudos. E mais que sinalizar pontos positivos e negativos, traz a reflexão sobre o que vieram buscar no Brasil e amplia e a discussão sobre a origem do desejo de emigrar ao país sul americano, e o que na realidade encontraram.

QUADRO 3: PONTOS POSITIVOS E PONTOS NEGATIVOS DA MIGRAÇÃO

Entrevistada	Positivos	Negativos
I	Oportunidades; crescimento pessoal, profissional e material	Insegurança, mentes fechadas
II	Descoberta de outras culturas e a ampliação do conhecimento;	Estar longe da família, saudades do país e problema de comunicação.
III	Crescimento pessoal, conhecer outra cultura, entender o que é racismo e outras questões.	País é extremamente desigual, a população tem dificuldade em ir atrás de conhecimentos

IV	Negros estrangeiros são tratados melhor do que os negros brasileiros	Racismo, é como se alguém que vem de um outro lugar tem algo a mais do que os que estão no país.
----	----------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração da própria autora.

A busca por melhoria de vida e alargamento intelectual encontra barreiras na desigualdade social e racial e a saudade de casa estão presentes em todos depoimentos.

Embora o meio universitário possa atenuar as experiências negativas em relação aos fatores citados, a convivência fora dos campus torna latente esses problemas sofridos pelos pretos brasileiros. Estar em meio a uma cultura onde a cor da pele diferencia seus próprios cidadãos não isenta estrangeiros de fenótipos semelhantes de sofrerem as mesmas ameaças. Aliada a condição já presente no país soma se os estranhamentos, da língua, dos costumes e de valores heterogêneos.

As entrevistas nos sinalizam a dificuldade que as migrantes têm ao se socializar e o contexto social encontrado. Chama atenção para a realidade em que, além estrangeiro e dos desafios da socialização, o africano enfrenta a condição de “ser negro” e a história dos afrobrasileiros. Em contrapartida, as entrevistadas reconhecem na possibilidade de se qualificar em uma Universidade que consideram de boa qualidade e de conhecer outra cultura, pontos positivos. Nesse deslocamento, projetado não só pelo indivíduo, mas por toda a família, os estudantes acessam outros conhecimentos de mundo e comportamentos que lhes permitiram elaborar novos significados, colaborando assim com a sua socialização. (LIMA e FEITOSA, 2017).

3.2 Ser mulher, negra e africana no Brasil: um triplo preconceito

Ser mulher negra no Brasil não é uma experiência universal. Contudo, dados estatísticos divulgados pelo governo federal comprovam que em dez anos, a violência contra as mulheres negras aumentou 54% (Agencia Brasil Brasília, 09 de novembro de 2015). No Brasil, onde a população negra é a maior fora da África, as mulheres negras estão na base da pirâmide social, condicionadas às piores condições de trabalho, menores salários, ocupando postos de trabalho, mais precarizados e vivendo em lugares sem condições básicas de moradia saudável. As estatísticas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) comprovam também que 21% das mulheres negras estão entre os piores índices de indicadores sociais e econômicos do país. Estas mulheres cabem a luta diária contra todos os tipos de discriminação e assédio, seja

na sociedade ou expresso e destacado pela mídia. É preciso entender que as mulheres negras estão diante de uma realidade desumana e precisam enfrentar cotidianamente o racismo e machismo.

No Brasil, o que mais ajuda as africanas é o espaço entre as mulheres africanas que se apoiam. Então, para essas mulheres negras, essas comunidades têm sido muito importantes para compartilhar as experiências com outras mulheres. Patrícia Hill Collins (1990) alerta para a importância de um relacionamento de mulheres negras, principalmente dentro da família, que serve como rede de apoio, um espaço seguro onde podem se expressar livremente. Este espaço entre elas permite que suas vozes sejam ouvidas e suas experiências terão relevância; é um espaço onde elas não temem para falar, contribuindo para criação de uma solução coletiva. Para Collins (1990) é nesse espaço, que pode ser na música (blues), na literatura ou em grupos/comunidades de outras mulheres negras que elas podem compartilhar suas narrativas e criar laços. “Esse reconhecimento compartilhado ocorre frequentemente entre mulheres afro-americanas que não se conhecem, mas que veem a necessidade de valorizar a condição de mulher Negra” (COLLINS, 1990, p.9).

Ser mulher negra no Brasil é um aspecto problemático que gira em torno da identidade, da raça, da classe e do gênero. Ser negra no Brasil é está pronta para se posicionar quando precisar diante do racismo, preconceito e a discriminação. Isto é contraditório num país onde a metade da população é negra. No Brasil, a mulher negra possui um emprego com os menores rendimentos e elas são menos reconhecidos no mercado de trabalho, de acordo com estudo realizado por Márcia Lima (1995) e citado por Sueli Carneiro (2003). Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) organizada pelo Instituto Brasileiro Nacional de Geografia (IBGE) de 2015, as mulheres negras ocupam as posições de baixa hierarquia como trabalhador doméstico de 64% a 33,02% para mulheres brancas.

Durante o processo de adaptação, reconstrução e negociação, as mulheres estudantes migrantes passam a se identificar como africana e negra, e a se tornar sensíveis a cor da sua pele e perceptível as questões raciais, gênero e raça.

QUADRO 4: MULHER NEGRA E AFRICANA NO BRASIL

Entrevistada	Depoimento
I	Nunca ser olhada de forma indiferente. “você não é daqui né? Mas você fala tão bem português!” (fenótipo, sotaque.)

II	Viver cada dia com o olhar dos outros sobre nós; pessoa que sofre no seu país de origem. Se sentir bonita, inteligente e admirada.
III	Desafiador; superar desafios, lutar por reconhecimento e destruir estereótipos.
IV	Sufrimento por ser estrangeira, outro por ser da africana e mulher.

Fonte: Elaboração da própria autora.

Embora possam ter recebido apoio dos diretórios acadêmicos internacionais, que buscam recepcionar os estudantes intercambistas com programas de voluntários para intermediar sua adaptação na universidade e as vezes fora dela, essas mulheres se deparam com situações para as quais não estavam alertadas. Como na fala da entrevistada I, que se sente olhada diferente por causa da variedade de fenótipos que caracterizam os brasileiros, os categoriza de forma hierárquica por herança da colonização. A paleta do colorismo é bastante diversificada, e aquelas que possuem cor mais escura são mais preteridas e as aproximam mais do passado escravagista do país.

Essa combinação mulher, negra e africana obriga as mulheres tomar posições mais desafiadoras nas relações. Os depoimentos se dividem entre ser admiradas e estereotipadas. A entrevista II, cita o olhar de pressuposição sobre ela, da imagem de pobreza e sofrimento. Ao mesmo tempo podemos identificar a valorização da beleza negra nesses discursos, que vem crescendo entre as mulheres negras brasileiras por crédito possível a militância negra, políticas públicas e a mídia estejam causando efeito positivo na comunidade negra brasileira. A entrevistada III da continuidade em sua fala ao citar o quanto é desafiador lutar contra preconceito ao preto, a mulher, ao estigma da sociedade patriarcal e ao lugar passado colonizado. Resumido na fala da entrevistada IV como um sofrimento.

É possível relacionar a presença da discriminação racial e por vezes xenofóbicas com a solidão dessas mulheres, ao mesmo tempo que o fato de serem estrangeiras possa lhes garantir um tratamento mais cerimonioso do que os dispensados a pretas brasileiras, ligado à curiosidade sobre suas culturas e dos lugares de onde vieram. Há uma inegável presença de pré-julgamentos e racismo estrutural emaranhada nos discursos e ações cotidianas vivencias por essas mulheres. A entrevistada I embora, afirme não ter sofrido discriminação, em sua resposta: “Sinto olhares por estar menos bem vestida, por medo de você furtarem algo, não considero ter vivenciado a experiência do racismo”, deixa claro um exemplo do racismo estrutural.

O racismo estrutural coloca o preto em posição de preterimento, sempre digno de desconfiança, mas é tão enraizado na cultura brasileira, tão diluído, que pode se disfarçar a

ponto de deixar dúvidas se foi um ato racista ou até mesmo despercebido. O fato de o preto estar a ser associado ao sujo e ao pobre acarreta ao africano negro o peso do preconceito, ao julgá-lo por seu tom de pele. Muitos episódios racistas podem ser mapeados de imediato. Outras vezes ocorre de forma velada, por meio de piadinhas, olhares desdenhosos, e maus costumes que ganham título de falta de informação.

Muitas vezes, a África não consegue se fazer representar pelas mídias internacionais. Quando se trata do Brasil, a questão é intrigante. A África e o Brasil são ligados pela história, mas hoje em dia, este continente é desconhecido e mal representada pelas mídias brasileiras. A comunicação pelas mídias faz que a realidade existe. Que uma coisa existe ou deixa de existir, o poder é como ela foi comunicada, veiculada nas mídias. Isto é o poder dos meios da comunicação. As mídias brasileiras passam uma imagem que resume a África como um país onde o povo passa fome, vive na miséria, a mídia mostra as pessoas convivendo com os animais no deserto. Esta imagem do continente nas mídias faz que os africanos são tratados como pobres, coitados. Os brasileiros não têm muita informação sobre o continente e se contentam com o que a mídia mostra. O preconceito e o racismo aparecem também na forma pelas quais os brasileiros perguntam pelo mundo africano, muitas vezes é visto com ignorância e desconhecimento. As primeiras perguntas sempre foram: tem universidade na África? Como é conviver com leões, elefantes? Você entende que eles têm pouca informação sobre as pessoas de lá e sobre o continente.

As discriminações afetam de maneira diferentes os homens e as mulheres africanos. Hirsch (2007) e Nunes (2013) apontam estas abordagens como uma das situações que se tornam corriqueiras para os africanos que são evitados como se fossem assaltantes. Este fato não ocorre com as mulheres africanas. Elas são mais sujeitas ao isolamento.

O universo de preconceito, discriminação e racismo atinge a todos no Brasil. A racialização da sociedade brasileira é uma novidade para os estudantes africanos. Eles já estavam acostumados a diferenças étnicas em vez daquelas estabelecidas da cor da pele. Entender a influência da pigmentação leva um tempo para os migrantes, mas eles acabam se acostumando a esta realidade do país. No Brasil existe preconceito, mas a maioria não se considera preconceituosa. Os brasileiros são conscientes da discriminação racial que se vive no Brasil, mas não aceitam a responsabilidade por esta situação. As situações marcadas pelo preconceito racial, foram tratadas por Subuhana (2005), em estudo realizado em São Paulo, quando constatou que o "preconceito de cor" e/ou "preconceito racial" é apontado como a principal, causa do mal-estar de um número considerável dos africanos em terras brasileiras.

A discriminação ocorre em vários ambientes, o que obriga esses estudantes a refletirem sobre a sua condição de “preto e africano” (SUBUHANA, 2005). Ser africano no Brasil é sofrer duas vezes. Um por ser estrangeiro e outra por ser negro. Ao chegar no Brasil, os estudantes africanos enfrentam desafios cotidianos e africanos se reparam com a realidade em que eles não estavam preparados pelo fato de ter criado muitas expectativas sobre o Brasil que historicamente é um país com o número dos afrodescendentes elevado. No seu artigo *Os invisíveis*, Bernardo Ajzenberg destaca uma passagem importante no que se diz respeito à discriminação racial:

[...] continua como tema tabu, sob disfarce, de há muito desmascarado, da suposta democracia racial. E não configuraria exagero afirmar que o seja justamente pelo grau de explosividade que carrega. Com raríssimas exceções, o racismo e suas mazelas não freqüentam as pautas diárias, estão alijados de qualquer iniciativa regular e permanente. É importante notar que estamos falando de 45% da população brasileira, a segunda maior população negra fora da África, super representada nos índices de exclusão e sub-representadas nos espaços de poder, onde os meios de comunicação são altamente representativos (Folha de São Paulo, 28/08/01).

Os universitários africanos não percebem a cor da sua pele, mas ao chegar, sabem que sua pele é diferente e será um obstáculo durante seu tempo de migrante. Ser universitário e africano no Brasil é sinônimo de sobreviver, de experiência negativa. Esta experiência é uma desvantagem social pela pigmentação de pele. Os estudantes passam por situações constrangedoras pelo fato de ser negro e africano. Além desta dificuldade racial, a sobrevivência, dificuldades financeiras considerando o custo de vida elevado. A questão racial é o maior desafio desta experiência.

3.3 Experiências afetivas

A chegada das intercambistas no Brasil abre uma série de potencialidades afetivas. Um encontro de estranhos, com suas vivências sociais já conhecidas suspensas, propicio a se entregar ao novo, e a correr novos riscos. Para além da complexidade dos relacionamentos entre indivíduos, está presente a complexidade entre culturas. Esses sujeitos estão a ponto de se desprender de seu papel em uma estrutura social e encontrar seu lugar em uma nova formação de sociedade.

As entrevistadas levantaram diferentes pontos ao falar sobre relacionamento durante o intercâmbio, como a troca cultural ao se relacionar com diferentes nacionalidades, questões de preterimento em encontros inter-raciais, o papel da mídia na divulgação da imagem sexualizada da mulher brasileira, indícios de mudança de pensamento em relação ao peso da condição financeira, aumento da autovalorização da mulher em busca de se impor na sociedade, além dos desafios de valores culturais diferentes e o desleixo masculino no tratamento com as mulheres.

QUADRO 6: EXPERIÊNCIAS AFETIVAS EM RELAÇÃO A AFRICANOS, BRASILEIROS E OUTRAS NACIONALIDADES.

Entrevistadas	Depoimentos
I	<p>Bom eu tenho que agradecer a minha experiência por me ter dado oportunidade de me relacionar com muitas culturas africanas, pois hoje sinto-me muito mais rica em termos culturais.</p> <p>Em relação a questão amorosa eu também já namorei pessoas de outras nacionalidades africanas para além da minha e nesse aspecto de afetividade eu acredito que não é questão de desleixo. Eu acho que envolve muitas questões para além disso como a chamada “palmitagem”. Não sei se conhece o termo, mas é quando homens pretos só querem ficar com mulheres brancas.</p> <p>Envolve também questões culturais e também o que a mídia passa para os africanos, pois a conversa de muitos homens pretos quando chegam no Brasil é querer ficar apenas com brasileiras. Atualmente esse pensamento está mais mudado, e principalmente a questão financeira.</p>
II	<p>Sim. A cultura na África é diferente, daqui eles querem descobrir outras mulheres, são mais liberais, têm conseguido impor o seu lugar e o seu valor na sociedade.</p>

III	Hoje namoro um moçambicano e posso dizer que a experiência está sendo um tanto desafiadora, pois temos costumes e culturas diferentes o que nos faz ter muitas desavenças. Nunca namorei brasileiros.
IV	Pessoalmente não, mas já ouvi muitas mulheres africanas comentar sobre um certo desleixo dos homens em geral que sejam africanos ou de outros continentes em relação a elas.

Fonte: Elaboração da própria autora.

Durante as entrevistas, os relacionamentos entre nacionalidades diferentes, apresentam pontos positivos, como a descoberta e vivência de novas culturas. Tal companheirismo facilita a adaptação no novo lugar, ameniza a solidão e fortalece o elo de uma rede de apoio. Ao que as entrevistas indicam, essa estabilidade é mais propícia quando a relação se dá entre indivíduos de culturas mais semelhantes e fenótipos de cor aproximada.

Uma possível explicação na atração as pessoas estão muito ligadas a aprovação e a falta de aprovação está muito ligada ao preterimento das mulheres negras. Historicamente, a mulher negra tem seus fenótipos preteridos pelos padrões de beleza, embora esse mesmo padrão sexualize o corpo negro. Essa erotização é sustentada pelas mídias e imaginário masculino e se camuflam como elogios. Contudo, não é toda negra que alcança esse patamar; as de pele mais retinta e as gordas não merecem o título de “Cor do pecado” ou “tipo exportação”.

A preferência por mulheres brasileira pode estar associada ao imaginário de maior poder aquisitivo e status. Assim, por uma questão de status, as mulheres brancas ganham a preferência dos homens negros. A preferência por relação inter-racial recebeu o nome de “palmitagem”, que está intimamente ligada ao preterimento e tem como consequência a solidão da mulher negra. Tal termo surgiu dentro do movimento negro brasileiro, mas não é recente, tem ligação com desejos mais antigos de “clarear a família”.

3.4 A experiência da solidão

A experiência da solidão pode ser compreendida, conforme Elias (2001), por diferentes eixos: (i) impedimento de experiências amorosas; (ii) ausência de pessoas de um mesmo lugar ou da mesma posição social para desenvolver uma convivência coletiva; (iii) a vivência, por alguma razão, em condição solitária. Abaixo, sistematizamos as principais definições de solidão feitas pelas entrevistadas que, a nosso ver, sinalizam, em alguma medida, os eixos de Elias (2001).

QUADRO 7: DEFINIÇÃO DE SOLIDÃO

Entrevistadas	
I	Quando uma pessoa se sente só, não é por estar só, pois pode estar só na sua própria companhia. Para mim a solidão é quando uma pessoa se encontra num lugar com muitas pessoas, mas mesmo assim se sente só.
II	Eu defino a solidão como passar um tempo consigo mesmo.
III	Para mim solidão é se sentir só, mesmo estando acompanhado e muitas vezes isso acontece pelo fato de não se sentir integrante do ambiente onde se está inserido.
IV	A solidão para mim é quando você não tem ninguém com quem contar para nada ou quando você sente saudades de pessoas que você ama.

Fonte: Elaboração da própria autora.

Desejar companhia e não ter. A solidão é uma condição imposta às mulheres privadas de afeto, companhia e apoio. As entrevistadas III e IV relacionam ao deslocamento social e à saudade. Ambos fatores são comuns as imigrantes que necessitam se adaptar a um novo ambiente e o distanciamento de suas casas.

QUADRO 8: VIVÊNCIA DE SOLIDÃO

Entrevistadas	
I	O principal momento que eu senti esse sentimento foi na faculdade pois normalmente é dado como um lugar onde você faz amigos para vida, mas no meu caso foi apenas um lugar onde eu me sinto só, por diversas questões, mas a principal por não me identificar com ninguém, por não ter afinidade e pela minha faculdade ser uma faculdade de brancos apenas onde não tem diversidade cultural, não tem acolhimento para os estrangeiros você simplesmente é jogado lá.
II	Sim, eu experimentei muita solidão, durante o confinamento. Era difícil ficar sozinha e longe da casa e da família. O pior é ficar doente, você vai para o hospital e se cuida. Na verdade, seja qual for o problema quando você está longe de casa, você se sente solitário.
III	Sim, na minha faculdade e alguns momentos na casa onde eu vivia assim que cheguei aqui no Brasil.

IV	<p>às vezes sim. Acho isso normal já que não estamos com a nossa família. Por exemplo, quando estou doente, eu fico com saudades de como minha família cuidava de mim. Todavia, graças a Deus sempre tive alguém com quem contar para me apoiar nesses momentos: um amigo, uma colega, um amorado. Mas nunca é como em casa.</p>
----	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração da autora.

O estar longe de casa favorece o estado de solidão e o momento mundial do isolamento, provocado pela pandemia do Coronavírus, intensifica mais esse sentimento. É registrado o momento de maior propensão de danos à saúde mental. É perceptível que o estar longe de casa supera o preterimento por cor, gênero ou classe social, no quesito causadores do sentimento de solidão. O foco no objetivo do diploma atenua as dores do preconceito e da solidão. A vivência de uma nova diversidade cultural, étnica e linguística soma como elementos que amenizam a saudade de casa.

A entrevista I deixa transparecer que o fato de ser diferente de seus colegas de faculdade lhe rendera momentos de solidão. Constatação semelhante foi citada pela entrevistada III. A respondente I sugere que o acolhimento acadêmico existente em outras academias poderia contribuir para sua inserção. Esse relato deixa claro que a universidade, além de seu papel científico, pode contribuir com socialização de seus intercambistas.

As mulheres II e IV colocam a distância de cada em destaque como causadora de sua solidão. O período de adaptação a novos costumes causa um choque cultural, saudade da sua língua, da sua comida, das suas referências culturais, gera uma solidão social por falta dos amigos, dos lugares costumeiros e de sua rede de apoio e mais intimamente a saudade da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado trouxe luz a problemática imposta e trouxe outras abordagens de início não pensadas. Ao se questionar se a experiências das mulheres africanas em solo brasileiro contribui para a solidão dessas mulheres, foi possível avançar sobre diversas temáticas. Ficou claro que a escolha do Brasil para progressão na vida acadêmica advém de uma facilitação governamental por meio dos acordos estudantis. Vale destacar que tais acordos se encontram ameaçados pelas novas diretrizes políticas que congelam as verbas da educação e da produção científica.

Com esse estudo foi possível vislumbrar as expectativas e a realidade encontrada no país que recebeu as estudantes. Ficou claro que muito do que os migrantes conhecem, parte da mídia e muito do que se conhece da cultura dos migrantes tem a mesma fonte. Os meios de comunicação têm papel substancial nas expectativas criadas, ao passo que a realidade encontrada mostra como os povos são estereotipados e como informações passadas por determinados pontos de vista podem generalizar um povo e esconder suas várias facetas.

A migração como esforço de melhoria de vida está bastante presente nas expectativas dos migrantes africanos e essas se estendem as famílias desses estudantes, que se esforçam em subsidiar mesmo que parcialmente a vida financeira de seus filhos em outro país e pontos positivos e negativos. As universidades públicas brasileiras ainda são vistas como de metodologias avançadas e em desenvolvimento progressivo, ao passo também que é economicamente mais acessível que faculdades particulares nos países de origem e que estudar na Europa.

Foi possível identificar que, embora o objetivo da vinda ao Brasil tenha sido os estudos, o viver em sociedade, extrapolou as experiências da vida acadêmica. A mobilidade não é apenas territorial é também social e afeta enormemente a vida de quem se dispõe a fazê-la. Acontece o intercâmbio de ideias, de objetivos, de formas de agir, pensar e se colocar em sociedade. Abre-se um mundo e novas oportunidades pessoais e profissionais.

O choque cultural e social vivenciado por essas mulheres, a descoberta de suas identidades em face ao outro, as heterogeneidades e as diferentes classificações do ser negro no Brasil e o ser negro nos diversos países africanos os forçam a vivenciar e refletir sobre a discriminação racial. As afetividades em país estrangeiro são, de fato, desafiadoras. Não sendo

bastante as complexidades inerentes as relações entre indivíduos recaem sobre as forasteiras as diferenças culturais. E mais, sobre as mulheres africanas, o imaginário do exótico que leva a um interesse objetificado. Parte dos estrangeiros o preterimento, pois buscam com maior frequência se relacionar com as nativas da terra. Embora possam haver alguns sinais de mudança em tal procedimento, a busca por status social ainda prevalece na escolha por mulheres brancas brasileiras.

As nuances da solidão da mulher africana esteve presente em todo trabalho, sobretudo na sua interligação com o preconceito racial. E mais de uma vez foi citada a tríade mulher, preta e estrangeira como causa do estar sozinho. Reafirma-se o isolamento da mulher em uma sociedade patriarcal, que a coloca como submissa. Tal preconceito também encontra lugar na sociedade machista que procura colocar a mulher no seu devido lugar; lugar esse escolhido pelo homem branco. E, por fim, o preterimento por ser negra e estrangeira, incentivado pela já conhecida classificação da paleta de cores e somada ao distanciamento de casa.

No que tange às contribuições para a formação na Comunicação Social, o estudo foi enriquecedor desde seu início, uma vez proporcionou sistematizar e relacionar diálogos, reflexões de interesse pessoal e interações cotidianas a um repertório acadêmico-científico. A metodologia escolhida se mostrou uma ferramenta eficaz na coleta de dados na área de formação e na reflexão como indivíduo social. Foi possível colocar em prática conhecimentos adquiridos durante o curso, além de nos permitir analisar criticamente a cultura e as interações sociais. E, além disso, contribuiu para a autora desenvolver um conhecimento maior do que o proposto no início desse projeto, inclusive, o autoconhecimento.

Para pesquisas futuras, podemos sugerir análise sobre a experiência do retorno dessas mulheres ao seu país de origem; a aplicação dos aprendizados em tempo de intercâmbio no âmbito profissional e no convívio social ou mesmo analisar a continuação da vida dessas mulheres em território brasileiro, o rumo que tomaram, as soluções que desenvolveram e as novas necessidades criadas. A história dessas e de outras mulheres precisa e deve ser contada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJZENBERG, Bernardo, Os Invisíveis, **Folha de São Paulo**, São Paulo, domingo, 26 de agosto de 2001

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, v. 6, n. 17, p. 111-125, 2001.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALVES, Míriam Cristiane (org.) **A Matriz Africana: Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas** /Organizadores: Míriam Cristiane Alves e Olorode Ògìyàn Kálàfó Jayro Pereira de Jesus. – 1. ed. --Porto Alegre : Rede Unida, 2020.216 p. il.; (Série Pensamento Negro Descolonial, v.2).E-book: 5.23 Mb; PDF

AMOSSY, Ruth; ZAVAGLIA, Adriana. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 9, p. 121-146, 2007

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico. **Dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 115-116, 2010.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich; PONZIO, Augusto. **Hacia una filosofía del acto ético: y otros escritos**. Anthropos Editorial, 1997.

BOYD, Monica; GRIECO, Elizabeth. Women and migration: Incorporating gender into international migration theory. Migration Policy Institute. 2003.

CABRAL, Frederico Matos Alves. Os estudantes africanos nas Instituições de Ensino Superior brasileiras: o Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G). 2015.

Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (**IBGE**).

COLLINS, Patricia Hill. Black feminist thought in the matrix of domination. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**, v. 138, n. 1990, p. 221-238, 1990.

COQUERY-VIDROVITCH, C. Les Africaines: histoire des femmes d’Afrique subsaharienne du XIXe au XXe. 1994.

DA SILVA, Paulo Vinicius Baptista; TEIXEIRA, Rozana; PACIFICO, Tânia Mara. Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 1, p. 127-143, 2013

DE ANDRADE, Ana Maria Jung; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Adaptação à universidade de estudantes internacionais: um estudo com alunos de um programa de convênio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 10, n. 1, p. 33-44, 2009.

DE GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Africanos no Brasil, hoje: imigrantes, refugiados e estudantes. **Revista Tomo**, n. 21, p. 13-36, 2012.

DEWEY, John. Arte como experiência. Capítulo III. **Trad. Murilo OR Paes Leme**. São Paulo: **Abril cultural**, p. 87-105, 1980.

DEWEY, John. Tendo uma experiência. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 89-105.

DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, PNUD Relatório. Aprofundar a democracia num mundo fragmentado. Lisboa: Mensagem, 2002.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos** - seguidos de “Envelhecer e morrer”, Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2001.

FREEMAN Mark; BROCKMEIER, Jens. Narrative integrity: autobiographical identity and the meaning of the “good life”. In: Narrative and Identity: studies in autobiography, self and culture. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p. 74-99.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Editora Ática, 2004.

GÉRARD, NAMER. Mémoire et société. **Méridiens Klincksieck**, Paris, 1987.

GUNTER, I. de AE; GUNTER, H. Desenvolvimento adulto entre estudantes brasileiros nos EUA: em busca de um modelo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 3, n. 1-2, p. 84-105, 1986..

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

JORGE, Nedilson. (org) **História da África e relações com o Brasil** Brasília : FUNAG, 2018.

HOFFMEYER-ZLOTNIK, Jurgen HP; HOFFMEYER-ZLOTNIK, Jürgen HP; WOLF, Christof (Ed.). **Advances in cross-national comparison: A European working book for demographic and socio-economic variables**. Springer Science & Business Media, 2003.

LOPES, Jade. Poder brando e cultura nas relações internacionais: o consumo de telenovelas brasileiras na África lusófona. 2016.

Lei N 7.716, de 5 de Janeiro de 1989

LIMA, Luciana de Sousa; FEITOSA, Giulliany Gonçalves. Sair da África para estudar no Brasil: fluxos em discussão. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.

MENDES, Chirley Ferreira. O consumo da telenovela brasileira em países africanos. Pós: Revista brasiliense de pós-graduação em ciências sociais, Brasília, v. 11, n. 1, p.132-159, jan. 2012a.

MENDES, Chirley Ferreira. Uma vitrine do Brasil: Telenovelas brasileiras entre estudantes africanos. 2012. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2012b.

MOROKVASIC, Mirjana. Migrations en Europe: l'impact de l'élargissement à l'Est de l'Union. **Revue internationale et stratégique**, n. 2, p. 85-93, 2003.

MUNGOI, Dulce Maria Domingos Chale João. **O Mito Atlântico: relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de reconstrução de suas identidades étnicas**. (Dissertação de Mestrado) UFRGS: PortoAlegre, 2006.

OPPONG, Christine. *The Changing Occupational and Familial Roles of Women and Men and the Impacts Upon Procreation and Parenthood of Social and Spatial Mobility: Some Ghanaian Evidence*. 1986.

PACHECO, Ana Claudia Lemos et al. *Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*. 2008.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** Editora Companhia das Letras, 2018.

SCHIAVINATTO, Fábio. *Sistema de indicadores de percepção social (SIPS)*. 2011.

SILVA, Omarildo Luís da. **O impacto da economia informal no processo de desenvolvimento na África Subsariana**. 2010. Tese de Doutorado. Instituto Superior de Economia e Gestão.

SLENES, Robert Wayne. **Histórias da família escrava**. Editora da Unicamp, 2011.

SOUZA, Claudete Alves da Silva et al. *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*. 2008.

SOUZA, Lorena Francisco de. *Migração para qualificação da força de trabalho e a questão racial: Estudantes africanos/as lusófonos/as negros/ as em universidades goianas*. (Tese de doutorado – Departamento de Geografia). São Paulo: FFLCH-USP, 2014.

SUBUHANA, Carlos. *Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro*. 2005.

TAMBA, Pansau; TIMBANE, Alexandre António. *A política linguística na África e situação das línguas autóctones na Educação: uma análise crítica das constituições*. *Revista Digital de Políticas Lingüísticas*. Año 12, Volumen 12, octubre 2020. ISSN 1853-3256/2021 P.85-105

TURNER, Victor. *Dramas, Field, and Metaphors. Symbolic action in Human Society*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1974.

VAUSE, Sophie; TOMA, Sorana. *International migrations of Congolese and Senegalese women: New forms of autonomous mobility or persistence of family migration patterns*. **Comparative and multi-sited approaches to international migration**. Paris: INED, 2012.